



Residência Pedagógica UFF/UMEI Maria Luiza da Cunha Sampaio

Relato de Experiência

### OBSERVAÇÕES DE UM FAZER, APRENDIZAGENS EM CONSTRUÇÃO

Ana Flávia Alves Cenaqui  
SME/FME de Niterói/RJ  
[cenaquiana@gmail.com](mailto:cenaquiana@gmail.com)

Dannyeli dos Santos Vitória  
9º período – Pedagogia/UFF Niterói/RJ  
[di-dany@hotmail.com](mailto:di-dany@hotmail.com)

Diego Lourenço Violante Silva  
9º período – Pedagogia/UFF Niterói/RJ  
[soudeniteroi4@hotmail.com](mailto:soudeniteroi4@hotmail.com)

Maria Izabel Santos Curado  
8º período – Pedagogia/UFF Niterói/RJ  
[mariaizabel@id.uff.br](mailto:mariaizabel@id.uff.br)

Sandra Butschkau  
9º período – Pedagogia/UFF Niterói/RJ  
[sandrabutschkau@id.uff.br](mailto:sandrabutschkau@id.uff.br)

**Resumo**

Esse breve relato de experiência tem como objeto demonstrar como tem sido a Residência Pedagógica da UFF na UMEI Maria Luiza da Cunha neste ano de 2019 a partir da perspectiva da Pedagogia Social – uma pedagogia que visa o acolhimento de todos na aprendizagem e o desenvolvimento individual e social, principalmente os mais vulneráveis, já que acreditamos que todos os seres tem a necessidade de cuidado e pertencimento, mas com graus diferentes.

Palavras-chaves: educação; residência pedagógica; escola pública; formação

## **Introdução**

A Residência Pedagógica é mais uma proposta de trabalho em que promove a interação de uma instituição acadêmica com uma instituição de ensino da Educação Básica, mas, desta vez, de forma mais profunda, pois cogita o pensar e o fazer da educação por três semestres seguidos embasados numa linha de pesquisa que, no nosso caso, é a Pedagogia Social.

Sendo assim, um dos objetivos da Residência Pedagógica é ambientar futuros profissionais da Educação numa unidade escolar pública e mostrar a realidade que se encontra esse sistema de ensino, quais são algumas das possibilidades de trabalho e refletir sobre melhorias nessa área de atuação. Além disso, promove a contextualização de diversos saberes adquiridos ao longo de uma formação superior e permite que novos questionamentos possam surgir, propiciando mais estudos e pesquisas.

O trabalho da Residência Pedagógica aos olhos da Pedagogia Social é um caminho, dentre tantos, de enxergar a Educação inserida num espaço social, onde estão presentes diversos fatores que influenciam seu ambiente e os indivíduos envolvidos, ora ajudando ora atrapalhando. A Residência Pedagógica aos olhos da Pedagogia Social é uma possibilidade de leitura de mundo, onde se vê a Educa+Ação e a Forma+Ação em constante movimento. Uma possibilidade em que o ser e o saber estão entrelaçados de forma inseparável – corpo e mente dentro de um mesmo espaço. Uma possibilidade de se pensar o indivíduo e suas ações dentro de um recinto permeado de direitos e deveres, isto é, num ambiente público dentro de um Estado Democrático de Direito.

Esse texto foi construído a dez mãos (preceptora e quatro estagiários). São diferentes pontos de vistas sobre uma mesma turma. São diferentes vozes tentando dizer

sobre a inserção num ambiente escolar. São diferentes pessoas buscando o mesmo objetivo: formação profissional de qualidade.

E, para isso, iremos caracterizar a unidade escolar a partir da visão do preceptora e os bolsistas da CAPES colocarão como tem sido a observação nesses primeiros quatro meses do ano letivo, finalizando o texto com os primeiros resultados obtidos.

## **1- O espaço de aprendizagens – Preceptora**

A UMEI Maria Luiza da Cunha Sampaio é uma unidade escolar do município de Niterói de Educação Infantil integral, situada no bairro de São Francisco. Atende seis turmas de 3 a 6 anos de idade. Inicialmente, ficava localizada em Charitas, no Morro do Preventório, mas, com a construção do túnel Charitas-Cafubá, encontra-se atualmente numa casa alugada próxima ao túnel que leva ao bairro de Icaraí.

Até ano passado, havia um ônibus que trazia e levava os alunos dessa comunidade para nossa unidade escolar, além de termos matriculado crianças de outros bairros. Com a inauguração de uma nova UMEI em Charitas, nessa comunidade, conseguimos nos manter na atual localidade e sermos mais uma unidade disponível para o povo dessa cidade. Hoje, atendemos a uma clientela variada, de diferentes bairros e condições financeiras.

Minha turma é o GREI 3A, que são crianças de 3 a 4 anos. Esse é o primeiro ano da Educação Infantil que conseguimos oferecer em nossa unidade escolar. A maioria ainda não tinha contato com escola, muito menos em horário integral. São 11 alunos no total por estarmos numa sala muito pequena (que era um dos quartos da casa), sendo dois com necessidades educacionais especiais (NEE), diagnosticados com espectro autista. Somos três professoras de referência na turma, sendo que uma fica em horário integral (eu) e as outras estão presentes apenas em um turno: uma de manhã e a outra à tarde. Também temos a presença da Professora de Apoio para os alunos NEE em forma de rodízio, pois há outras turmas também com alunos com NEEs.

Com os bolsistas da CAPES na Residência Pedagógica, fomos introduzindo o conhecimento sobre o período de adaptação e, agora, no mês de maio, estamos vivenciando experiências pedagógicas mais sistematizadas devido ao entrosamento dos alunos entre eles mesmos, com as professoras e com o ambiente escolar.

Temos um currículo a ser desenvolvido, criado em 2010, com a participação de diversos representantes das unidades escolares da Educação Infantil de Niterói,

juntamente com uma banca organizadora e convidados para tratarem de assuntos específicos. É o documento que rege nossa prática até o momento, pois teremos uma reformulação após a criação da BNCC. Também adotamos o trabalho por projetos como a melhor forma (até o presente momento) de contextualização da aprendizagem e ampliação da visão de mundo dos alunos (HERNÁNDEZ; VENTURA, 1998).

## **2- Aprendizagens sobre a aprendizagem – Bolsistas/CAPES**

*Alteridade.* Palavra que tem origem no latim e significa, no contexto do senso comum, aquilo que faz alusão ao outro, ao que é diferente. Alteridade é a palavra que melhor define minhas experiências na Residência Pedagógica na UMEI Maria Luiza da Cunha Sampaio, no GREI 3A.

As crianças carregam pureza e alteridade de forma natural. É como se elas tivessem nascido prontas para enxergar o outro e permitir com que este outro, que é alheio a sua realidade, conheça seu mundo e, juntos, explorem-no.

Desde o meu primeiro dia, fui recebida com muito afeto - tanto dos alunos quanto das docentes. As crianças não se importaram em ter um *estranho* em sala. Pelo contrário, assim que elas perceberam que eu não era uma visita, recebi um convite para ser a “mãe dos dinossauros”, fui convocada por um deles para auxiliar no almoço, e fui selecionada para ajudar a colocar alguns outros para dormir. Assim, do nada, sem precisar memorizar meu nome, minha origem; especificar da minha raça; ou conhecer meu Coeficiente de Rendimento. Elas, simplesmente, permitiram-se e me permitiram conhecer o novo.

Esta receptividade, que é tão comum para eles, está me possibilitando aprender novos assuntos, novas músicas, novas brincadeiras, novas maneiras de ser e me recriar, pois, estar em sala de aula, independente do cargo que você ocupa, é sempre a oportunidade ideal para você se reinventar, construindo-se e se reinventando na contribuição da construção do outro. E é exatamente esta receptividade que nos falta no mundo: a receptividade em permitir se alterar, em permitir com que o outro seja ele mesmo, em permitir se entregar para o outro e receber o que ele tem a oferecer, sem julgamentos, sem pressão, apenas permitindo(-se).

Toda esta *chuva de afeto* torna o ambiente extremamente agradável e nos dá a sensação de estarmos em casa, fazendo com que os tenros problemas não sejam usados como justificativas para impedir a execução dos trabalhos. Pelo contrário! Em cada

atividade executada, é notável a dedicação de quem a planejou e de quem a está executando. Torna-se evidente que, nesta turma, não se usa o *paradigma positivista* (COUTINHO, 2011), que julga, que exclui, que afasta ou que só dá voz e poder para uma pessoa especificamente, no caso o professor, como na *educação bancária* (FREIRE, 2005), mas, ao contrário disso, as crianças têm voz; elas podem ter dúvidas, sentirem-se bem em perguntar, em questionar, em sugerir; permitindo com que elas sejam protagonistas em seu processo de aprendizagem, tornando possível e verdadeiro o que diz CORSARO:

“As crianças são agentes sociais, ativos e criativos, que produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto, simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas.”  
(2011. p. 15)

Em todos os dias de Residência, eu posso entrar na sala, sem nada, com peito aberto simplesmente. Mas uma coisa é certa: todas as vezes que eu sair de lá, sairei com o coração cheio, sairei *cativada* (SAINT-EXUPÉRY, 2008) de diversos modos e das melhores maneiras possíveis.

(Dannyeli)

#### A VISTA DE UM PONTO<sup>1</sup>

Tenho observado as crianças no dia a dia e percebo que, subvertendo a aparente ordem natural das coisas, as crianças falam não só de seu mundo e de sua ótica de criança, mas também do mundo adulto, da sociedade contemporânea. É um aprender com as crianças e não deixar se infantilizar (FREIRE, 1996). Conhecer a infância e as crianças favorece para que o ser humano continue sendo sujeito crítico da história que ele produz. Sendo humano, esse processo é marcado por contradições.

As crianças não são filhotes, mas sujeitos sociais. Nasceram no interior de uma classe, de uma etnia de um grupo social. Considerar simultaneamente a singularidade da criança e as determinações sociais e econômicas que interferem na sua condição de sujeito para tanto se exige reconhecer a diversidade cultural e combater a desigualdade de condições e a situação de pobreza.

Nessa perspectiva, sinto que o maior desafio é obter entendimento e uma educação baseada no reconhecimento do outro e suas diferenças de cultura, etnia, religião, gênero, classe social, idade e combater a desigualdade. Viver uma ética e implementar uma formação cultural que assegure a constituição humana na sua

---

<sup>1</sup> BOFF, 1998, p.9.

dimensão crítica. Assim, tem contribuído a Pedagogia Social (ARAÚJO, 2015) para a realização do trabalho, enxergando o outro como um sujeito único, porque a Pedagogia Social é de todos e de cada um, para todos e para cada um.

(Diego)

A UMEI Maria Luiza é inspiradora e fazer parte desse projeto através da Residência Pedagógica tem me mostrado muitas outras perspectivas.

Costumo chegar à UMEI na parte da tarde, quando já se inicia o segundo turno da rotina. Tenho acompanhado o GREI 3A, composto por crianças majoritariamente em seus três anos de idade.

Vivencio a rotina das crianças que, entre as atividades em sala e a rotina de higiene e alimentação, sempre tem espaço e tempo para interagir e brincar (ALVES, 2012), que são os dois principais eixos da Educação Infantil. A UMEI Maria Luiza, harmoniosamente, faz essa composição (NITERÓI, 2010).

No momento, ainda me encontro no período de observação, porém, com várias interações e colaborações de acordo com o planejamento das professoras, como, por exemplo, a possibilidade de trazer um ou outro livro de casa para ajudar a compor os temas debatidos nos projetos em sala. Um dos projetos trabalhados em sala é a identificação das cores e seus nomes. As professoras Ana Flávia e Mariana, brilhantemente, relacionaram as cores com a temática preferida das crianças: Super-Heróis, e vem funcionando muito bem, visto que é a aprendizagem que faz sentido, pois parte de uma temática comum e querida por quem aprende.

Ainda em meu período de observação, mas tendo liberdade em trazer algumas contribuições para a sala, pretendo trazer para as próximas aulas um livro que já tenho há algum tempo e que fala sobre Super-Heroínas. Penso em introduzir o livro, porque notei que todas as meninas queriam ser apenas a Mulher Maravilha, por ser a única conhecida por elas, enquanto os meninos tinham uma infinidade de heróis para escolher. Desse modo, tentarei ampliar um pouco seus horizontes.

(Maria Izabel)

Ao escolher o curso de Pedagogia, eu tinha, em primeira intenção, discutir ações sobre o meio ambiente, pois, apesar de ter nascido em uma grande cidade, sempre tive contato com plantas, terra e árvores. Outra característica da minha infância eram as brincadeiras com todo tipo de material, papel, papelão, todo tipo de embalagem. Éramos

muito criativos, pois, raramente, ganhávamos brinquedos. Então, quando a chance de participar da Residência Pedagógica, em um projeto que tinha a “sucata” como um dos objetivos, foi um passo para este prazer aliado ao aprendizado.

A UMEI Maria Luiza, especialmente localizada em uma grande casa, com um recanto com árvores e quintal, trouxe novas possibilidades. Ano passado, quando tive o primeiro contato com a unidade escolar, a turma era de crianças do GREI 5A. Animadas e muito curiosas, receberam-me com até massagens na cabeça. Observei com cuidado a escuta feita pela professora daquilo que as crianças tinham a dizer. No momento da “rodinha”, cada uma falava algo que quisesse ou que fosse relacionado com o tema do momento. Nas brincadeiras, tudo podia ser aproveitado: embalagens, massinha, lápis colorido com resto de papel picado etc.

O tema do projeto da turma nesse momento era sobre o mar. Então, fiz um planejamento para uma aula a fim de falarmos sobre o caranguejo: com imagens desse animal; música do “caranguejo não é peixe” – momento em que todos dançaram; e, depois, a confecção de um caranguejo feito de casca de embalagens de ovos (isopor), as pernas de papel dobrado e os olhos de sementes.

Isso me faz lembrar de Walter Benjamin:

[ ]Sentem-se irresistivelmente atraídas pelos detritos que se originam da construção, do trabalho no jardim ou na marcenaria, da atividade do alfaiate ou onde quer que seja. Nesses produtos residuais elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e somente para elas. Neles, estão menos empenhadas em reproduzir as obras dos adultos do que em estabelecer uma relação nova e incoerente entre esses restos e materiais residuais. Com isso as crianças formam o seu próprio mundo de coisas, um pequeno mundo inserido no grande. (BENJAMIN, 2002, p. 57-58).

Foi divertido fazer esta atividade. No entanto, na opinião dado pela preceptora, ela me orientou sobre o tamanho dos objetos para adaptar o brinquedo à idade da criança. Também me orientou em como me dirigir a elas, de forma pausada e com a voz bem clara.

Neste ano, estamos na turma de GREI 3A. Tem um número menor de alunos, o que faz com que a interação seja mais intensa. Várias atividades são importantes, mas destaco a maneira com que a professora demonstra a identificação de cada um, de quem está presente e de quem esta ausente. Todos veem a foto e o nome em um cartão e, assim, reconhecem-se e também se entendem como participantes daquela turma.

A literatura tem um espaço especial. A partir dela os questionamentos das crianças levam as demais atividades ou planejamentos. Dessa forma, surge o momento da “sucata”, a construção de brinquedos, cartazes e brincadeiras onde os materiais são utilizados, como carros de papelão, aviões com hélices; figuras de elefantes criativos; máscaras de super-heróis etc.

No projeto “As cores dos Super-Heróis”, foi gerado um quadro com super-heróis escolhido por cada criança. Na intenção de falarmos sobre as cores, pretendo apresentar rolinhos de papel higiênico revestidos de cores e personagens para que elas possam criar suas próprias estórias.

Ressalto também a vivência com duas crianças da turma com autismo, pois são diferentes em muitos aspectos, mas participam de alguma forma e são muito bem recebidos por todos. Tenho observado um deles, que gosta de três pequenos animais de brinquedo: dois leões e um tigre. Ele sabe o que eles gostam de comer, se são velozes, e, quando brinca com eles, sempre tem uma narrativa própria onde inventa uma estória.

Vale destacar que temos alguns planos a serem desenvolvidos de forma coletiva a partir das ideias sobre a natureza, pensadas por nós, os bolsistas e a direção. Pensamos em aproveitar o espaço com árvores e pequenos canteiros para ampliar nas crianças o gosto pela natureza e buscar a experimentação de novos sabores. E, assim, temos um ambiente rico em criatividade e possibilidades, que vai de encontro ao Parecer CNE/CEB Nº: 20/2009:

Frente a todas essas transformações, a Educação Infantil vive um intenso processo de revisão de concepções sobre a educação de crianças em espaços coletivos, e de seleção e fortalecimento de práticas pedagógicas mediadoras de aprendizagens e do desenvolvimento das crianças.

(Sandra)

### **3- Colhendo resultados**

A parte da observação é um momento importante por possibilitar enxergar as contradições que existem entre a teoria e a prática, as dificuldades do dia a dia, a distância palpável entre o ideal e o real. A observação crítica e respeitosa é um instrumento de reflexão sobre aquilo que se deseja alcançar, mas se percebe o caminho que se faz necessário trilhar.



Colhemos ideias, possibilidades, desejos, vontades, amizades, parcerias, saberes e sonhos. Colhemos pirraças, choros, tristezas, dificuldades, conflitos e atritos. Colhemos a distância dos projetos finalizados com o correr incansável do tempo. Colhemos incertezas, autoconhecimento, diversão e surpresas.

Estamos a caminhar ainda. Estamos a colher ainda. Mas, quem é que já consegui chegar ao ponto final da estrada da Educação e colher todos os frutos possíveis?

#### **4- Bibliografia**

ALVES, RUBEM. *Educação dos sentidos e mais...* 9ª ed. Rio de Janeiro: Versus, 2012.

ARAÚJO, M.M. *Pedagogia Social: diálogos com crianças trabalhadoras*. Volume VIII, 1ª ed. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2015.

BAZÍLIO, L.C.; KRAMER, S. *Infância, educação e direitos humanos*. São Paulo: Cortez, 2003.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II: Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Editora 34, 2002.

BOFF, L. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/SEB, 2018.

BRASIL. Parecer CNE/CEB Nº: 20. Brasília: MEC/SEB, 2009.

COHN, C. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

COLOMER, T. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global Editora, 2007.

CORSARO, W.A. *Sociologia da Infância*. 2ªed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COUTINHO, C. *Metodologias de Investigação em Ciências Sociais e Humanas*. Lisboa: Almedina, 2011.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 8ª ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1984.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Coleção Leitura.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 44ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GARCIA, R.L. *Revisitando a pré-escola*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

HERNÁNDEZ, F. *Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 1998 (reimpressão 2007).

HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M. *A organização do currículo por projetos de trabalhos*. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998 (reimpressão 2009).

JACOBY, S. (org.). *A criança e a produção cultural: do brinquedo à literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

NITERÓI. *Diretrizes Curriculares da Educação Infantil*. Niterói: SME/FME, 2010.

SAINT-EXUPÉRY, A. *O pequeno príncipe*. Rio de Janeiro: PocketOuro, 2008.

SOARES, M. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 17ª ed. São Paulo: Ed, Ática, 2002 (10ª reimpressão).

VIGOTSKY, L. *A imaginação e a arte da infância*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2009.

Artigo

MAIA, M.N.V.; SCRAMIGNON, G.B.S. A concepção da infância em Walter Benjamin. UERJ: Anais do V Colóquio de Filosofia da Educação, 2010.

Vídeo

ASPI-UFF Em Ação – Programa 98